

BIXAS PRETAS AFEMINADAS: DO SILENCIAMENTO NA ESCOLA A SOLIDÃO NA VIDA

Rosangela Aparecida HILÁRIO¹; Wilson Guilherme Dias PEREIRA²

1.Universidade Federal de Rondônia

2. UNIRON

Nos últimos quinze anos houve uma articulação progressista entre as políticas públicas que deram visibilidade a temáticas que uma parte significativa da sociedade brasileira gostaria de ver invisível: o uso social de nomes para travestis e trans, profissionalização e saúde da comunidade lgbtq+, masculinidades e feminilidades dissidentes. Preconceito, exclusão, burocracia ao acesso escolar seja de forma acadêmica ou em escolas primárias torna-se um desafio para alunos e alunas dissidentes em suas sexualidades. O que é rito de passagem para alunos heterossexuais, o acolhimento, o pertencimento aos grupos, para os dissidentes e batalha a ser travada dia após dia. Muitos, acabam desistindo, o que vai acarretar como consequência imediata baixa escolaridade e futura, alocação em subempregos, os quais permitem apenas subsistir, não se plenificar na identidade cidadão com direitos e deveres assegurados. A pesquisa surgiu diante da inquietação para entendimento de quais estratégias são criadas por alunos gays, pretos, pobres e afeminados para permanecer na escola de Educação Básica, que reproduz de maneira ainda mais cruel aos estigmas da sociedade patriarcal, a qual a representação da identidade masculina está ligado a virilidade, ao mascarar de sentimentos, zelar e prover a família, “defendendo” o território sagrado do espaço familiar. Se ao homem branco a representação de masculinidade sobrecarrega, ao homem negro com resquício de pessoa escravizada no DNA, marca, extenua e destrói. Os Conselhos ligados aos grupos representantes dessas dissidências, organizados, exerceram pressão e conquistaram direitos que pareciam irreversíveis. Entretanto, o governo conservador instalado em 01 de janeiro de 2019, paralisou debates fundamentais que parecem relegados mais uma vez a clandestinidade. Entre estas temáticas, uma que perturba por ser a articulação de subalternidades e opressões, diz respeito a construção das masculinidades negras, e o não lugar da Bixa Preta Afeminada. O estudo aqui apresentado faz parte de um projeto maior que tem como intencionalidade identificar como a escola de Educação Básica, em seus anos iniciais tem lidado com esses dissidentes, como se organiza o currículo para apresentar as questões aos professores, professoras e alunas, bem como de que maneira são formadas professores e professoras para atuar junto a essa comunidade, na perspectiva do conhecimento para o pertencimento. Lembramos que a cidade de Porto Velho é capital de Rondônia, o Estado mais evangélico do Brasil. A pesquisa está sendo realizada por meio da articulação de métodos que envolvem a etnografia escolar, a revisão bibliográfica e roteiro para entrevista focal. Até o momento, as indicações são de que a escola “invisibiliza” a sociedade ridiculariza, a polícia violenta e as ausências matam.

PALAVRAS-CHAVE: Visibilidade. Masculinidades Negras. Dissidências. Direitos. Bixa Preta Afeminada